

A ARTE DE VIVER
EM DEUS

Timothy Radcliffe

A ARTE DE VIVER
EM DEUS



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Ângélica Ilacqua CRB-8/7057

Radcliffe, Timothy

A arte de viver em Deus / Timothy Radcliffe ; tradução de Artur Morão.

– São Paulo : Paulinas, 2023.

440 p. (Coleção Travessias)

ISBN 978-65-5808-234-7

Título original: *Alive in God: a Christian imagination*

I. Vida cristã 2. Deus (Cristianismo) I. Título II. Mourão, Artur
III. Série

23-4957

CDD 248.4

Índice para catálogo sistemático:

1. Vida cristã

Título original da obra: *Alive in God*

© Timothy Radcliffe 2019.

Tradução publicada por acordo com Bloomsbury Publishing Plc.

1ª edição – 2023

Direção-geral: *Ágda França*

Editores responsáveis: *Vera Ivanise Bombonato*

Marina Mendonça

Copidesque: *Andréia Schweitzer*

Coordenação de revisão: *Marina Mendonça*

Tradução: *Artur Morão*

© Instituto Miss. Filhas de São Paulo

Revisão: *Sandra Sinzato*

Gerente de produção: *Felício Calegare Neto*

Capa e diagramação: *Muta Photo & Design*

Imagem de capa: “Noite estrelada sobre o Ródano” (1888),
de Vincent van Gogh, Musée d’Orsay (Paris)

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora. Direitos reservados.



Cadastre-se e receba nossas informações
www.paulinas.com.br
Telemarketing e SAC: 0800-7010081

Paulinas

Rua Dona Inácia Uchoa, 62
04110-020 – São Paulo – SP (Brasil)

(11) 2125-3500

editora@paulinas.com.br

© Pia Sociedade Filhas de São Paulo – São Paulo, 2023

“Ponho diante de vós a vida e a morte, a bênção e a maldição.
Escolhe, pois, a vida para viveres, tu e a tua descendência”
(Dt 30,19).

“Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância”
(Jo 10,10).

“Não receie que a sua vida chegue ao fim,
mas, sim, que ela nunca tenha um começo”
(John Henry Newman).

“Ao tentar compreender como funciona a vida – e por que algumas
pessoas lidam melhor do que outras com a adversidade –,
deparo-me com algo que tem a ver com dizer sim à vida,
que é amor à vida, mesmo que inadequada,
e amor a si mesmo, independentemente de como descoberto.
Não à maneira de “primeiro, eu!”,
que é o contrário da vida e do amor,
mas com uma determinação salmônica de nadar contra a corrente,
por mais agitada que esta seja,
porque é justamente a sua corrente”
(Jeanette Winterson).

SUMÁRIO

IMAGINAÇÃO



1. Galinhas sem asas e de três pernas 11
2. Escolhe a vida 25

VIAGEM



3. A aventura transcendente..... 43
4. Um Deus para as nossas dores e penas 69
5. Combates iniciais 87
6. Crescendo 103
7. Pecado e perdão 129

ENSINAMENTO



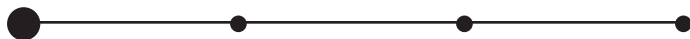
8. Ensinar: a imaginação dogmática..... 151
9. Amizades impossíveis 169
10. A imaginação não violenta 189
11. Em casa..... 211
12. A ecologia da fé 231
13. Aflição 249

RESSURREIÇÃO



14. A vida espiritual: ar fresco	271
15. Vida corpórea: santificando os sentidos	289
16. A imaginação sacramental <i>versus</i> a imaginação tecnocrática	311
17. A imaginação litúrgica: a providência de Deus	339
18. A vida de oração: a poesia da esperança.....	365
Conclusão	389
Notas.....	395
Bibliografia	423

IMAGINAÇÃO



1.

GALINHAS SEM ASAS E DE TRÊS PERNAS

Durante o jantar com dois velhos amigos, cristãos comprometidos, falamos dos seus dois filhos. Um é católico fervoroso, e o segundo, aparentemente, não tem qualquer interesse por religião. Isso nada tem a ver com a inteligência ou bondade deles. Ambos são jovens brilhantes que se preocupam com a justiça e querem fazer algo pelo nosso planeta. Acontece que um deles não é motivado por religião, enquanto o outro acredita que ela ilumina o mundo. Já tive conversas com centenas de pais que se culpam por não terem transmitido a sua fé aos filhos; mas, para milhões de jovens, a linguagem da fé não tem significado algum. Está tão fora de moda como a máquina de escrever. Pertence a outro mundo e fala outra língua.

Em junho de 2016, Stephen Bullivant publicou um relatório sobre a situação do Cristianismo na Inglaterra e no País de Gales.¹ A porcentagem da população que se identificava como “sem religião”, 48,5% no censo de 2014, era quase o dobro do censo de três anos antes, 25%. Era maior o número das pessoas que se identificavam como “sem religião” do que como cristãs. A Grã-Bretanha está se transformando, muito rapidamente, num país pós-cristão. John Lennon cantava: “Imagine there’s no heaven; it’s easy if you try” [Imagine que não há céu; é fácil, se você tentar]. Cada vez mais gente na Europa, mesmo sem tentar, se torna descrente.

Neste livro pretendo pesquisar como a fé cristã pode ter sentido para os nossos contemporâneos. Os crentes não habitam uma bolha imaginária e bizarra, desligada das experiências e das aspirações

das demais pessoas. Como se trata de escolher a vida, a plenitude da vida, suas principais crenças cruzam-se com as esperanças e os sonhos de todos os que querem viver, e não apenas sobreviver. Qualquer um, independentemente da sua crença (ou falta dela), que entenda a complexidade de estar vivo, apaixonar-se, mergulhar numa confusão, tentar recomeçar a vida, encarar a doença e a velhice, pode também ajudar os cristãos a captarem o sentido da nossa fé. O crítico e poeta australiano Clive James não tem, aparentemente, nenhuma fé religiosa, mas a sua poesia, diante de uma doença terminal, ajudou-me muito, quando fiquei acamado, após as cirurgias de câncer, imaginando o que poderia acontecer. Assimilava um poema por dia, com a mesma regularidade com que tomava os meus remédios.

Ficaria encantado se este livro abrisse uma porta para a imaginação cristã aos secularistas e ateus, e espero que ele também ajude os cristãos. Somos todos filhos desta era secular, e os seus pressupostos infiltram-se na linguagem que falamos. Sem dúvida, passo mais tempo prestando atenção aos meios de comunicação seculares do que lendo os Evangelhos. Se conseguirmos perceber como tudo, no Cristianismo, tem a ver com estar vivo, espero que a fé consiga iluminar tudo o que fazemos e somos. Não há necessidade de existir uma lacuna entre o mundo religioso do domingo e o mundo secular dos dias de semana.

Mas o surgimento do secularismo é apenas uma face da moeda. No mundo inteiro, a religião se expressa cada vez mais clamorosamente na esfera pública e, amiúde, de forma agressiva. Afirma Neil MacGregor que, “em medida raramente vista na Europa desde o século XVII, a fé agora molda grandes partes do debate público global”.² O Oriente Médio está dilacerado por conflitos inter-religiosos; as políticas de Israel e do Paquistão, ambos fundados como Estados seculares, tornaram-se cada vez mais confessionais; o Partido do Povo Indiano [*Bharatiya Janata Party* – BJP] na Índia, tradicionalmente um país de tolerância religiosa, está incitando uma forma estrita de Hinduísmo, e alguns políticos advogam, inclusive, a expulsão dos não hindus; o governo militar budista de Mianmar expulsou do seu

país centenas de milhares de Rohingya – uma minoria muçulmana. A administração Trump tentou impedir a entrada de muçulmanos nos Estados Unidos. A religião ocupa a cena central na Nigéria, na Indonésia, na Malásia, na Rússia, na China, e assim por diante.

O secularismo e as religiões fundamentalistas são os irmãos rivais do nosso tempo. Lutam pelo domínio do mundo. Podem parecer completamente diferentes, cada um a negação do outro, mas nasceram do mesmo ventre. Ambos – a religião fundamentalista sempre e o secularismo muitas vezes – têm em comum uma visão reducionista da realidade. Vivemos numa era de fundamentalismos: econômico, nacionalista, científico e religioso. As formas rígidas de religião que vemos difundirem-se em todo o mundo não são o regresso da Idade Média. São filhas da modernidade, que, por vezes, é afligida por uma atrofiada imaginação literalista.

John Henry Newman escreveu que “a imaginação, e não a razão, é a grande inimiga da fé”.³ Ele não pretendia dizer que os cristãos deveriam ter pouca imaginação. Ele mesmo foi abençoado com uma imaginação fecunda. Mas, sim, que o modo como os seus contemporâneos imaginavam o mundo não deixava muito espaço para o transcendente.

Não quero perder tempo com definições fastidiosas, mas tenho de distinguir, com brevidade, três sentidos em que a palavra “imaginação” e outras similares são usadas. Neste livro, normalmente a utilizarei para indicar o modo como alguém encara o mundo. Ela é o prisma pelo qual acedemos à realidade. William Lynch, sj, escreveu que “a tarefa da imaginação é imaginar o real”.⁴ Alguém que, como eu, nasceu entre 1945 e 1964 (um *baby boomer*) habitará um mundo imaginativo diferente dos *millennials*, nascidos após o início da década de 1980 até, aproximadamente, o final do século, habitantes do continente digital. O mundo de um londrino do século XXI difere do mundo de um criador mongol de iaques. Veremos como a “imaginação sacramental” e a “imaginação tecnológica” têm perspectivas diferentes de mundo.

Por vezes, utilizarei a palavra no sentido de uma visão viva e vibrante do mundo, ou seja, imaginativa. Nesta acepção, Jesus tinha uma imaginação viva. Suas parábolas cativam nossa imaginação. Suas palavras fazem “arder nosso coração” (Lc 24,32). Por fim, “imaginação” será usada, às vezes, para indicar o modo como imaginamos coisas que não existem, que são “imaginárias”. C. S. Lewis, em *As crônicas de Nárnia*, e J. R. R. Tolkien, em *O Senhor dos Anéis*, evocam mundos imaginários: o mundo que é descoberto atrás da porta do armário, e a Terra Média. Mas estes frutos da imaginação podem incorporar verdades profundas. Tolkien concebeu as suas narrativas como explorações da sua fé cristã. Em vez de estar sempre indicando, de forma monótona, o sentido preciso em que utilizo a palavra, confio que o contexto o tornará óbvio.

Galinhas sem asas

O Padre Adolfo Nicolás, ex-superior geral dos jesuítas, acredita que a ameaça mais profunda à nossa civilização é a “globalização da superficialidade”, consequência da trivialidade de grande parte da comunicação nas redes sociais. “Todas as grandes civilizações se viram confrontadas com questões fundamentais: o que significa ser humano? Em que consiste a nossa felicidade? Terá o nosso universo um destino derradeiro ou encaminhar-se-á para uma extinção absurda? A comunicação ininterrupta, o envio de mensagens (*texting*) e de alusões ou convites eróticos (*sexting*) infinitos tendem a suprimir a exploração de tais questões em profundidade”.⁵

Essa percepção reducionista do mundo entorpece o nosso sentido do transcendente. Enfraquece a imaginação partilhada da nossa cultura.

As políticas globais são cada vez mais manipuladas por *tweets* e *slogans* simplistas: “Faça a América grande de novo”, “Brexit significa Brexit”. O Presidente Trump ficou fascinado pelo Twitter quando, num tuíte, declarou por que usava garfo e faca para comer pizza e espantou-se com a resposta de centenas de milhares de seguidores.

É num mundo assim, superficial e ingênuo, que prosperam formas violentas de religião.

Roger Scruton evoca o conceito do “nada além do que...” [*nothing buttery*] de Mary Midgley: “Há um hábito generalizado de declarar que as realidades emergentes não são ‘nada além do que’ as coisas nas quais as percebemos. O ser humano não é ‘nada além do que’ um animal humano; o direito não é ‘nada além do que’ as relações de poder social; o amor sexual não é ‘nada além do que’ o impulso para a procriação; o altruísmo não é ‘nada além do que’ a estratégia genética dominante descrita por Maynard Smith; a *Mona Lisa* não é ‘nada além do que’ uma difusão de pigmentos numa tela; a *Nona Sinfonia* não é ‘nada além do que’ uma sequência de sons modulados de timbres variados”.⁶

Semelhante reducionismo elimina e neutraliza qualquer sentido de transcendência.

Flannery O’Connor argumentou que uma “imbecil” recensão do seu conto “A good man is hard to find” [Um bom homem é difícil de encontrar], na revista *The New Yorker*, demonstrou como “o sentido moral foi erradicado de certos setores da população, tal como a certas galinhas se cortam as asas para produzirem mais carne. Esta é uma geração de galinhas sem asas; suponho que era isso o que Nietzsche queria dizer, ao afirmar que Deus morreu”.⁷ A escritora acredita que nossa cultura contemporânea exterminou nossa imaginação, levando à perda do sentido do transcendente. Como conseguiremos restituir as asas às galinhas, acorrentadas à terra do nosso tempo?

O romance *O quarto*, de Emma Donoghue, descreve uma mãe que foi sequestrada e aprisionada num galpão de 11 m², onde teve um filho, Jack. O menino nunca conheceu nada além do galpão. Tudo o que ele consegue ver do mundo exterior é através de uma pequena claraboia e da tela da televisão. Ele cresce convencido de que tudo o que vê na televisão, tudo o que está fora do galpão, é irreal, construído. Tudo o que existe é o “Quarto”. Mas, um dia, a mãe explica a ele que fora dali existe um mundo amplo e colorido, de que ela sente falta. Jack diz: “Você já viveu um dia na TV?”. “Já lhe disse, não é a

TV. É o mundo real, você não imagina como ele é grande!” Ela abre os braços e aponta para todas as paredes. “O quarto é apenas uma pequenininha e fedorenta porção do mundo.”⁸ Um dia, Jack foge e, pouco a pouco, descobre a beleza e a imensidão do mundo fora do “Quarto”. Esta narrativa evoca, certamente, um dos grandes mitos da civilização ocidental, a alegoria platônica da fuga de uma caverna sombria para o mundo real.⁹

A imaginação é a porta pela qual escapamos dos limites de qualquer modo reducionista de ver a realidade. William Blake escreveu: “Que Deus nos guarde da visão única e do sono de Newton”.¹⁰ Qualquer artista ou pessoa criativa, qualquer um com uma noção das questões fundamentais que os seres humanos enfrentam, podem ser artesãos da nossa fuga e aliados da nossa evasão.

No seu poema “Skylight” [Claraboia], o poeta irlandês Seamus Heaney descreve como a sua esposa quis instalar uma claraboia no teto da sua casa de campo. Ele resistia. Gostava “da sensação claustrofóbica de ninho do telhado”:

*Mas quando as telhas foram retiradas, irrompeu,
Extravagante, o céu, e abriu-se em uma grande surpresa.
Senti-me, durante dias, como um habitante
Daquela casa onde o paralítico
Foi descido pelo teto, teve seus pecados perdoados,
Foi curado, pegou sua maca e foi-se embora.*¹¹

Para Heaney, a poesia convoca-nos a modos de existir mais ricos, mais humanos: “Objetivo ilimitado. Vento que refresca o conhecimento” e “ozônio refrescando sua visão/ Além do limite ao qual você pensou que estava conformado”.¹² Sopra por buracos abertos nos estreitos limites de toda a acanhada percepção do mundo. Muitas vezes, os poetas encaram a sua tarefa como um abrir de portas e janelas, deixando entrar ar fresco e acolhendo estranhos. E eis agora Czesław Miłosz:

*O propósito da poesia é lembrar-nos
Como é difícil permanecer apenas uma pessoa,
Pois a nossa casa está aberta, não há chaves nas portas,
E os convidados invisíveis entram e saem à vontade.*¹³

A ciência pode, neste esforço, ser nossa aliada. Albert Einstein foi um pensador tremendamente imaginativo: “A imaginação é mais importante que o conhecimento. Porque o conhecimento é limitado a tudo o que conhecemos e entendemos agora, ao passo que a imaginação abrange o mundo inteiro e tudo que houver para conhecer e entender”.¹⁴ Robert Gilbert, professor de biofísica em Oxford e sacerdote anglicano, descreve a ciência como “espiritualidade uniformizada”,¹⁵ complementando, assim, a afirmação de Jennifer Yane, segundo a qual a arte é “espiritualidade travestida”!

Quando Charles Darwin, ainda jovem e crente, visitou a floresta tropical brasileira, foi tocado pelo sublime: “Trepadeiras enroscando-se em trepadeiras – como cabelos trançados –, belos lepidópteros, silêncio – hosana... Sublime devoção era o sentimento predominante”. Mas, com o seu crescente ateísmo, surgiu nele o enfraquecimento do sentido de beleza radiante. Nick Spencer notou que “a sensibilidade de Darwin perante o sublime murchava à medida que ele ia envelhecendo. Na sua autobiografia, lamentou-se de, após os 30 anos, já não conseguir apreciar a poesia, as pinturas ou a música”.¹⁶ Descansava, deitado na cama, enquanto sua mulher lia romances água-com-açúcar, o equivalente vitoriano de Mills & Boon.

Não é, pois, a ciência que mina a imaginação religiosa. Paul Kalanithi foi um jovem e brilhante neurocirurgião na Stanford University, mas também estudou literatura inglesa e filosofia; formou-se, assim, como cientista e também em humanidades. Aos 36 anos, descobriu que tinha câncer, que veio a revelar-se terminal. Na sua luta por compreender o que estava vivendo, e, ao encarar a sua morte próxima, deu-se conta de que a ciência não bastava. “A ciência pode fornecer a forma mais prática de organizar dados de forma empírica e replicável,

mas seu poder de fazer isso é prejudicado por sua incapacidade de alcançar os aspectos mais essenciais da vida humana: esperança, medo, amor, ódio, beleza, inveja, honra, fraqueza, empenho, sofrimento, virtude.”¹⁷ Paul regressou à prática da fé da sua infância, sem jamais abandonar sua confiança na ciência, dentro da sua própria área.

Muitos cientistas são crentes devotos. Copérnico era um católico praticante, cônego e membro da fraternidade leiga dominicana; e um padre católico belga, George Lemaître, foi o primeiro a propor a teoria do Big Bang. O que sufoca “a eternidade no coração humano” (Ecl 3,11) é a ilusão de que toda a verdade é cientificamente verificável, o literalismo laborioso.

No romance *Os crentes*, de Zoe Heller, Rosa esforça-se por recuperar a sua ancestral fé judaica: “Não seria possível que sua objeção ao *mikvá* tivesse surgido de uma falha de imaginação? Uma incapacidade de apreciar a metáfora? Ela estava sempre acusando os ortodoxos de terem uma mentalidade literal sobre a Torá; talvez fosse *ela* a culpada pela mentalidade literal... Talvez acreditar fosse como poesia nesse sentido. Talvez exigisse uma delicadeza ou sutileza de espírito que ela ainda não havia alcançado”.¹⁸

Eu diria que a crença não é só como a poesia; é sempre poética, embora nem toda a poesia seja teísta.

Os discípulos, no caminho de Emaús, recordavam-se de que o coração deles ardia, quando o estrangeiro, que encontraram no caminho, lhes interpretava as Escrituras (Lc 24,32). Temos uma oportunidade de incendiar o coração de nossos contemporâneos, se lhes oferecermos uma linguagem mais rica. Um jovem sacerdote em Cracóvia, de nome Karol Wojtyła, era poeta e ator. Quando o Cardeal Wyszyński estava à procura de um novo bispo auxiliar, não quis Wojtyła, que considerava um sonhador, um homem que tinha a cabeça nas nuvens. O cardeal buscava alguém para combater os comunistas com astúcia política. Os comunistas inclinavam-se para Wojtyła pela mesmíssima razão, mas ele acreditava no “teatro de resistência” ou na “poesia de resistência”. A única maneira de contrariar a ideologia rasa do comunismo era

enriquecer a imaginação dos poloneses, dando-lhes belas palavras.¹⁹ No momento em que os poloneses conseguissem novamente imaginar um mundo radiante, o mundo gasto do comunismo implodiria. Isso aconteceu quando Wojtyła foi eleito Papa João Paulo II e dirigiu à nação palavras que ajudaram a derrubar a Cortina de Ferro.

Santo Agostinho declara que os mestres deveriam comunicar-se com *hilaritas*, de modo a suscitar agrado e deleite nos seus estudantes.²⁰ *Hilaritas* traduz-se habitualmente por “jocosidade” – o que sugere que deveríamos avivar o nosso ensino com alguns chistes, para impedir que os ouvintes adormecessem. Por vezes, assim faço. Mas aqui *hilaritas* aproxima-se mais da exuberância, da alegria extática. A *hilaritas* arranca-nos de nós próprios. É a alegria jubilosa, característica do Judaísmo Ortodoxo e, talvez, de todas as grandes crenças. Disse um imã sufista do século XV, Mulá Nasrudin: “Falo durante todo o dia, mas, quando vejo brilhar os olhos de alguém, então escrevo”.²¹ Isso é o que Ronnie Knox chamou de “fulgor do assentimento”.²² O encontro de Israel com o seu Deus é renovado quando Moisés vê a sarça ardente no deserto e diz para si mesmo: “Vou aproximar-me para ver esta grande visão: por que razão não se consome a sarça?” (Ex 3,3). Fixemo-nos nas palavras: arder, consumir, fulgor.

Um sentido atento do transcendente liberta, pois, a nossa mente da trivialidade da cultura contemporânea, da sua tendência em ser redutora e simplista. É o que Flannery O’Connor tem em mente ao falar de galinhas sem asas.

Galinhas de três pernas

Shigeto Oshida, dominicano japonês, disse-nos também para termos cuidado com a “terceira perna das galinhas”. Trata-se do conceito abstrato de uma perna de galinha, que não é nem a perna esquerda nem a direita, mas uma simples perna de galinha em geral: “Quando ‘a terceira perna das galinhas’ começa a andar por si mesma é um desastre!”²³ A linguagem precisa se enraizar na arenosa

particularidade das coisas, mantendo firmes os nossos pés no terreno da experiência vivida. Pregadores que falam abstratamente de amor ou liberdade estão muito distantes do confuso ofício de amar outra pessoa e, por isso, suas palavras tornam-se vazias.

Quando Oshida pregava retiros, sobretudo a bispos habituados à vida sedentária, divertia-se em mandá-los plantar arroz nos arrozaís, ignorando os protestos deles sobre a dor nas costas. Escreveu ele: “Um camponês que trabalha duramente, da aurora ao pôr do sol, sabe que um grão de arroz não é produto seu, algo feito por seu próprio esforço, mas algo que lhe é dado por Deus. Oferecerá o grão de arroz a Deus que está oculto, mas que tudo dá. Ele dirá: ‘Isto é seu’”.²⁴

As galinhas sem asas não podem voar. Não conseguem alçar-se ao transcendente. A terceira perna das galinhas é demasiado abstrata para descer às complexidades da experiência concreta. Estes fracassos talvez pareçam contraditórios, mas não são, porque o infinito se revela através do que é particular.

A terceira perna das galinhas pertence ao que William Lynch chamou de “mentalidade unívoca”: “Esta mentalidade pretende aplanar e reduzir tudo aos limites da sua própria mesmice, já que não consegue lidar com as diferenças difíceis e complexas, com os ziguezagues e as surpresas do concreto. É, pois, impaciente, rígida, inflexível, intolerante e até implacável”.²⁵ Escreve Nicolas Steeves: “Imaginar é embrenhar-se no real com as suas cores e seus sons, com um tato, com um odor e com um sabor que irrompem mais vivos e vivificantes”.²⁶

Robert MacFarlane observou que uma nova edição do *Oxford Junior Dictionary* eliminou estas palavras: “acorn, adder, ash, beech, bluebell, buttercup, catkin, conker, cowslip, cygnet, dandelion, fern, hazel, heather, heron, ivy, kingfisher, lark, mistletoe, nectar, newt, otter, pasture e willow. As palavras introduzidas na nova edição incluíam: attachment, blockgraph, blog, broadband, bullet-point, celebrity, chatroom, committee, cut-and-paste, MP3 player and voice-mail”.²⁷

O problema não é se vamos nos tornar velhos rabugentos, que se queixam da modernidade e da destruição da vida rural, mas sim que